

Uma guerrilheira e uma cozinheira: narrativas traumáticas de duas mulheres golpeadas pela ditadura civil-militar brasileira entre os anos 1960 e 1970

Una guerrillera y una cocinera: narrativas traumáticas de dos mujeres golpeadas por la dictadura civil-militar brasileña entre los años 1960 e 1970

Marta Gouveia de Oliveira Rovai¹

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar las narrativas de dos mujeres que lucharon contra la dictadura civil-militar brasileña, en los años 1960 y 1970, a partir de posiciones políticas e intelectuales diferenciadas. La primera, Ana María Gomes, obrera y estudiante secundario, acabó por participar en un grupo armado denominado Vanguardia Popular Revolucionaria (VPR), y fue presa, torturada y exiliada. La segunda, Iracema dos Santos, una cocinera de escuela pública, que tuvo a sus dos hermanos presos y torturados, siendo uno de ellos exiliado y otro asesinado en las agencias de la represión, enfrentó a militares en las cárceles y organizó a la familia y vecinos contra el régimen. Ambas tuvieron sus vidas modificadas por el trauma y construyeron formas diferentes de resistencia femenina, protagonizando la historia. El trabajo pretende mostrar la extensión de la dictadura sobre las vidas públicas y privadas, provocando la reacción diversa de mujeres que rompieron con la frontera entre público y privado y constituyeron formas creativas de resiliencia que combatieron no sólo el autoritarismo del Estado, sino también las relaciones desiguales de género a su alrededor. Son memorias traumáticas de sobrevivientes que exigen el enfrentamiento del pasado y la reparación política.

Palabras clave: memorias – mujeres - narrativas orales - dictadura brasileña

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG). Pós-doc pela UFF/RJ. Doutora em História Social pela USP. Líder do grupo de Pesquisa História do Brasil: memória, cultura e patrimônio (UNIFAL/MG) e pesquisadora do LABHOI/UFF e NEHO/USP. Marta.rovai@unifal-mg.edu.br.

Uma guerrilheira e uma cozinheira: narrativas traumáticas de duas mulheres golpeadas pela ditadura civil-militar brasileira entre os anos 1960 e 1970

Una guerrillera y una cocinera: narrativas traumáticas de dos mujeres golpeadas por la dictadura civil-militar brasileña entre los años 1960 e 1970

Apresentação

Meu nome é Iracema Maria dos Santos. Nasci no dia dezessete de novembro de 1936, em São Paulo. Não tenho nem o nome do meu pai. Só tenho o nome do meu marido... A minha história é insignificante perto do que os meus irmãos viveram e fizeram. O João, mais novo, foi assassinado pela Ditadura... Cinquenta e sete dias de tortura... O Roque foi preso e depois banido do país. Ele conseguiu terminar os estudos lá fora e foi o primeiro exilado político que voltou dos que foram banidos. Voltou com a cabeça erguida, enfrentando os militares...

Meu nome é Ana Maria Gomes. Comecei minha militância política entre 1966 e 1967, no movimento estudantil. Eu era secundarista. Estudava no GEPA (Ginásio Estadual de Presidente Altino) durante o dia, e trabalhava na OSRAM, uma fábrica de lâmpadas, à noite. Atuava no movimento operário e estudantil em Osasco e foi a partir dela que me envolvi em tantas confusões que aconteceram e ainda continuam acontecendo no Brasil!

Iracema e Ana Maria²... Duas mulheres que vivenciaram os longos e tortuosos dias e noites sob a ditadura civil-militar que se instalou no Brasil por meio de um golpe, no ano de 1964, e que perseguiu, prendeu, torturou, exilou e matou muitos daqueles que se opuseram a ela. A primeira, cozinheira de uma escola pública; a segunda, uma operária e estudante secundarista, que entrou para a luta armada e, mais tarde se tornou professora universitária. Ambas tiveram suas vidas golpeadas e transformadas, principalmente a partir da experiência de uma greve operária na cidade de Osasco, onde moravam, no estado de São Paulo, Brasil.

A greve, que ocorreu em julho de 1968, e que procurava combater o arrocho salarial e o autoritarismo, foi fortemente reprimida com a invasão da indústria metalúrgica Cobrasma e com a prisão de muitos trabalhadores. Entre eles estavam Roque Aparecido, irmão de Iracema e namorado de Ana Maria. Sobre ele muito já se

² Iracema dos Santos e Ana Maria Gomes foram entrevistadas por mim durante o processo de pesquisa sobre a greve de operários ocorrida em Osasco, em 1968, temática de minha tese de doutorado.

registrou por seu papel como grevista, sindicalista, estudante e guerrilheiro; preso, torturado e exilado, ele cumpriu papel importante na luta contra a ditadura brasileira, no final dos anos 1960 e início de 1970. Sobre elas, porém, ainda há muito o que lembrar, reconhecer e escrever.

Com histórias e formações diferentes, estas duas mulheres experimentaram em comum não apenas o fato de conviverem com Roque Aparecido, mas também a angústia de terem suas vidas atingidas de forma direta pelas ações do regime autoritário, vivenciando com seus parentes os efeitos da perseguição, da prisão, da tortura e do exílio. Iracema teve seus dois irmãos, Roque e o jovem João, presos; o primeiro, operário e estudante, foi preso, torturado e exilado; o segundo, um açougueiro que junto do irmão se envolveu na luta armada, também foi levado à prisão, torturado e assassinado pelos agentes da repressão. Ana Maria, que era operária da fábrica de lâmpadas Osram, também participou da greve e foi presa diversas vezes. Namorada de Roque, com ele se casou para constituírem um “aparelho” e ingressarem na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), comandada pelo ex-capitão do exército Carlos Lamarca.

Iracema e Ana Maria representam mulheres sobre as quais a história da resistência à ditadura pouco havia sido registrada por longo tempo e que hoje, cada vez mais, está sendo publicizada. Uma história feminina da resiliência torna a ciência histórica comprometida com a história pública, a fim de romper com silenciamentos e com versões que tracem apenas um papel secundário a elas nas “grandes ações masculinas”. Iracema e Ana Maria fazem parte das memórias até então submersas e que nos revelam trajetórias de ousadia, coragem e enfrentamento em múltiplas formas. Elas nos falam de descobertas políticas, de leituras de mundo e de táticas cotidianas que numa história hegemonicamente masculina não teriam vez.

Michelle Perrot (2005), ao discutir a história das mulheres, afirmou que durante longo tempo estas foram simplesmente descritas e narradas pelos homens e que é preciso que passem a narrar sobre si. Entendendo como Perrot, este texto pretende apresentar a história dessas duas moradoras da cidade de Osasco que tiveram suas vidas impactadas, mas que pouco puderam registrar sobre suas experiências, embora permanecessem sendo contadas em meio a familiares e amigos durante anos. Como afirmou Michel Pollak (1989), mantiveram suas “memórias subterrâneas”, esperando o momento de vir à tona para confrontar versões e silêncios impostos.

Não se trata de um texto sobre elas, mas a partir delas e com suas vozes, exigindo de nós leitura atenta e comprometida com a mediação e a publicização de narrativas que não devem ser esquecidas. Assim, acredito que a história das mulheres tenha encontrado na história oral uma possibilidade importante de combater certo apagamento histórico e valorizar as experiências femininas, abordando suas subjetividades alinhadas aos processos políticos e sociais, tantas vezes desconsideradas. Losandro Tedeschi (2015) afirma que a história oral é signatária da nova história, revisando modelos de significação que estavam impregnados em todos os grupos sociais e visibilizando os fatores que silenciaram historicamente as vivências femininas. A voz de uma mulher, ao mesmo tempo em que é singular, reverbera tantas outras histórias semelhantes, criando uma consciência de existência individual e coletiva que precisa ser reconhecida. É este reconhecimento respeitoso e necessário que buscamos do público que se dispõe a conhecê-las.

Uma história das mulheres narradas por mulheres

Nos últimos anos têm crescido o número de pesquisas realizadas sobre mulheres e por mulheres. Trabalhos como de Albertina Oliveira (1980), Elizabeth F.X. Ferreira (1996), Ana Maria Colling (1997), Olívia Joffily (2005) e de Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff (2011) contribuíram para desconstruir a imagem de passividade política feminina, mesmo daquelas que não se envolveram na militância estudantil, intelectual ou armada. As autoras mostraram a história daquelas que foram submetidas à tortura, que enfrentaram autoridades e que foram em busca de seus entes queridos, utilizando das estratégias aprendidas no cotidiano e na necessidade de sobreviver à violência. Desta forma, as narrativas femininas dão novas dimensões aos mesmos fatos já contados pelos homens ou trazem novos eventos, moldados por outros sentimentos, expectativas e subjetividades, que por tanto tempo se tornaram invisíveis.

Pedro e Wolff (2011, p.134), por exemplo, referem-se aos “grupos de consciência, chamados em alguns países como grupos de reflexão”, protagonizados por donas de casa em suas moradias, nos sindicatos, nas praças e cafés, em reuniões na Igreja Católica, longe do que se conhece como “militância ideológica”, ou seja, aquela ligada aos grupos politizados e partidários. Iracema e Ana Maria são algumas das mulheres da cidade de Osasco, São Paulo, que fizeram a greve de 1968, militaram no movimento estudantil e chegaram a pegar em armas; mas também aquelas que

conheceram a militância pelo afeto, não necessariamente passando pelas instituições tradicionalmente políticas ou pela luta armada. Ana fez parte da “militância ideológica”; entrou para a guerrilha, junto de seu irmão Osny e de seu namorado Roque Aparecido. Iracema fez parte de “grupos de consciência” espontâneos, não sistematizados nem enquadrados por crenças políticas. Assim como outras mulheres até então apartadas dos espaços políticos, desenvolveu modos de militância fora dos padrões e de critérios de valoração, inclusive pela esquerda que atuou em oposição ao regime.

Para jovens como Ana Maria, o enfrentamento com a ditadura já estava sendo preparado desde o golpe de 1964, a partir da participação de reuniões entre os estudantes e do grupo de teatro do Círculo Estudantil de Osasco (CEO), junto ao seu irmão Osny, que cedo a havia convidado a frequentar do debate político. Mesmo antes da greve de 1968, ela contou que já faziam treinamento de tiro, também, pressentindo o conflito que viria pela frente. Iracema, no entanto, só entendeu o impacto da greve quando assistiu aos tanques brucutus invadirem a cidade, no dia 17 de julho, para reprimirem os operários. À procura de Roque, seu irmão, ela vivenciou o trauma de ter sua casa invadida e saqueada pelas forças militares, assim como outras mulheres, chegando a ser agredida e presa junto com a família:

Um terror o que fizeram com a gente! Na minha casa, não chegaram a arrebentar porta, mas fizeram o que fizeram... Jogaram tudo quanto é livro, tudo quanto é papel, tudo quanto é roupa de gaveta. Jogaram tudo, reviraram tudo! Fizeram um fiasco mesmo! Na casa da minha mãe, arrebentaram porta com um machado, não sei bem com o quê... Foi terrível! (Iracema dos Santos)

A perseguição à sua família começou logo após a greve operária na cidade de Osasco, no ano de 1968. No entanto, a pior parte aconteceu em 1969, após o decreto do AI-5, pelo governo brasileiro. Por este Ato Institucional as demissões, perseguições e prisões de pessoas suspeitas de se oporem ao governo se alastraram por todo país. O direito ao habeas corpus foi suspenso e, desta forma, pessoas eram presas e “desapareciam” sem qualquer possibilidade de defesa. Assim foi com Iracema e sua família. Ela, que não participou da greve, mas era irmã de um grevista, Roque Aparecido, que depois pegou em armas como seu outro irmão mais novo, João Domingues, foi presa com toda a sua família – seu marido e mais um irmão de 14 anos – acusada de colaborar com os guerrilheiros: “Participar da greve, não participei, mas sofri as consequências”. Iracema era cozinheira de uma escola pública e desconhecia a trajetória política de seus dois irmãos. Roque era estudante de Sociologia na

Universidade de São Paulo e operário na fábrica da Cobrasma, na cidade de Osasco; João contribuiu com os serviços de panfletagem e participação nos piquete. Após a greve, ambos entraram para a luta armada. O primeiro na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), liderada pelo capitão Carlos Lamarca; o segundo ingressou na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e, mais tarde, na Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, chegando a participar do assalto ao carro-forte do governador de São Paulo, Adhemar de Barros (quando se deu a sua prisão, em 1969).

Sobre a greve dos operários em Osasco e a participação de seus irmãos Roque e João na guerrilha, Iracema sabia muito pouco. Após a greve, ambos foram para a clandestinidade e a família soube muita coisa por meio dos jornais: “Só aos poucos fui percebendo o que acontecia... Depois da greve, ele teve que entrar para a clandestinidade, precisava cuidar da Aninha, a namorada dele, e ela tinha que cuidar dele. Sumiram!”. Sobre a prisão de Roque pelos agentes do DOPS, ela e a família souberam mais tarde, quando ele e outros companheiros haviam sido presos na invasão de um “aparelho”, em que ele se encontrava com José Ibrahin (líder sindical, estudante e guerrilheiro) e com sua namorada Ana Maria Gomes: Em meio à emoção, afirmou ela: “Com as notícias chegando, doía o estômago, a barriga... Onde estava fulano? Eu nem quero lembrar!... Foi um caos total!”...

Rapidamente ela precisou agir para salvar seu irmão Roque, procurando apagar “provas” contra ele. Aos poucos ela conheceria um processo que mudaria sua vida e a tornaria uma militante pela vida e, mais tarde, pela anistia aos presos e exilados políticos brasileiros:

Panfletos, livros, tudo o que estava armazenado, deixei numa mala esquisita embaixo da cama da minha sogra, para a polícia não pegar. Escondi cada coisa!... Numa grande mala. Minha sogra nem imaginava o que era aquilo... As coisas que achei que complicavam mais a vida dele, queimei... Havia um terreno do lado de casa. Lá, eu fiz a fogueira...

Do Roque não vi nem sombra! Só bilhetes. Nem guardei, porque tinha medo! Quando ele foi para o exílio, tirou uma foto com o Salvador Allende, presidente do Chile. Tive que dar fim na foto, de tanto medo!... Pensando bem, eu não tinha medo. Tinha raiva! Minha mãe se conformava. Mas eu não! Chutavam e me empurravam, com sacola e tudo, quando ia visitá-los, com medo que eu visse a violência contra os meninos. Mas eu achava que eles logo iam sair, era passageiro. Era um direito que eles tinham: sair! Não tinham feito mal a ninguém... Depois, o Roque foi transferido para o presídio Tiradentes. Lá,

ficavam todos juntos. A gente ia visitar, fazia piquenique durante duas horas... Essa coisa é muito emocionante! (Iracema dos Santos)

Iracema também chegou a fazer um curso de enfermagem, mas não exerceu a profissão. João, quando perseguido pela polícia após o assalto ao carro-forte junto com membros da VAR-Palmares, levou um tiro e procurou por sua ajuda, em casa. Ela, então, viu quando os agentes invadiram sua casa para prendê-lo e levaram também a sua família, desconfiados de que ela fosse uma “enfermeira de guerrilheiros”. Aquele dia é significativo na memória desta mulher que contou emocionada sobre a violência sofrida:

O João foi baleado, após ser perseguido. Pediu para um motorista de táxi descer a rua e foi para minha casa na Vila Isabel. Só que o motorista, sem ele perceber, ligou o pisca alerta do carro, foi à delegacia mais próxima e fez a denúncia. Uma pessoa também disse que havia visto um táxi com o pisca alerta ligado... A minha casa era nos fundos do quintal. Alguém bateu na janela, às onze e meia da noite. Era o João: “Iracema, me acuda! Eu estou com problema!”. Corri na porta, ele foi deitando... Tinha sido baleado... Já tomei as providências: enfaixei o braço quebrado, vendo os ferimentos, enquanto meu marido, pegou os documentos do João.

Ele chegou em casa baleado, muito machucado!... Tentei tirar tudo que fosse suspeito, guardar documento, tudo o que ele tinha no bolso. Dei para o Liceu esconder em casa, colocar fim em tudo... Em seguida, chegou um batalhão, mais de cinquenta viaturas! Ninguém do bairro esquece... Fecharam o bairro inteiro e entraram na minha casa. Um bando de investigadores! O João não queria se entregar. Falei que não adiantava reagir. Entraram chutando e empurrando! Levaram o João... (Iracema dos Santos)

Na delegacia ela permaneceu por 24 horas, em pé, tomando café amargo quando pedia por água e pensando em sua filha de apenas 10 anos que havia sido abandonada, sozinha, no momento de sua prisão: “Foi um dos piores dias da minha vida”, disse ela. Sobre sua prisão, narrou:

Acabaram me levando para a delegacia, para o Dops, para o QG do Segundo Exército no Ibirapuera. Perguntavam quem era o médico que prestava socorro, para quem eu costumava dar os primeiros socorros... Quarenta horas de interrogatório ininterrupto!... De quatro horas em quatro horas trocavam o turno, e eu sem comer, sem beber e sem dormir. Quando passava mal, eles traziam café amargo!... Diziam que o João já estava morto; que o Roque estava preso; classificando todos os membros da família como bandidos!

Perguntavam pra mim por que eu queria esconder e proteger a família, se o João já estava morto? Se o Roque estava preso? Se eu entregasse logo o grupo, ia ser mais suave... Era um jogo de enlouquecer! Tive que fazer tratamento psicológico... (Iracema dos Santos)

De madrugada, Iracema foi interrogada pelo Sargento Ramos que, coincidentemente era professor de matemática na escola Espiridião Rosa, onde ela trabalhava: “Olha que coincidência! Ele não acreditava que eu fosse da família. Veio me interrogar: como eu fazia para atender os outros, quem eram os outros? Ele até tremeu quando viu que era eu. Tomava café comigo na escola!..”. Enquanto isso seu pai, que trabalhava na pocilga do quartel como veterinário também era interrogado por um tenente que considerou que ele não tinha nada a ver com o que estava acontecendo. Ela, seu pai e seu marido acabaram soltos enquanto seus outros irmãos, Zezinho e Liceu, permaneceram presos. A partir daí os militares ficaram três meses vigiando sua casa, espionando quem saía e quem entrava. Sua mãe, que estava doente e internada no hospital, nada sabia...

Iracema conta como foram os dias de agonia vividos por seu irmão João, internado no hospital militar, e sua luta, em vão, para mantê-lo vivo. Além disso, narra sobre a pressão sofrida na escola em que trabalhava, dividida entre o medo e a coragem necessária para resistir em nome de sua família:

O meu irmão mais novo saiu da minha casa com um tiro e depois, no hospital, tinha quatro tiros! Ficou cinquenta e três dias no hospital. Eles vinham me buscar com um dos pais de aluno da escola em que eu trabalhava. Ele era o torturador do João e tinha medo da gente sequestrar o filho dele! Vinham me buscar... Eu dizia que meu irmão tinha pai e mãe, que podiam responder por ele. Mas eles falavam que o João tinha os dias contados e que eu precisava assinar um documento para ele ser operado urgente. Ou fazia a cirurgia, ou tinha os dias contados: “Ele chama o seu nome em delírio; é a pessoa que mais chama”... A dona Vanda, diretora da escola em que eu trabalhava, dizia que eu não ia ficar lá, presa. Disseram que ia ver o João mais vezes. Mas me enganaram! Me levaram presa... A diretora da escola em que eu trabalhava dizia: “Pode ir tranquila”. E me prenderam... Então, falei: “Vou pegar sabonete e escova de dente. Não vou como da outra vez que não deixaram nem me trocar e me levaram de pijama!”.

Fui levada para o hospital do Cambuci. O João era só pele e osso... A boca dele era tão grande que ia de uma orelha a outra! Comecei fazer xixi sem perceber, de tão emocionada, tão nervosa! Conversei um pouco com ele e me levaram para uma sala. Queriam uma prova de que a família estava participando. Ele já estava no fim... Falou com

muita dificuldade: “Sabia que você viria”... Cortaram o resto da veia dele para enfiar alguma coisa, porque não tinha mais veia. O rosto era oco, esqueleto!... Colocaram uma câmara de ar para o corpo poder se sustentar, entre o quadril e a clavícula... Você não sabe o que é terror psicológico!... (Iracema dos Santos)

Iracema foi avisada da morte de seu irmão João numa segunda-feira, no seu local de trabalho. Ele havia morrido na sexta-feira e seu corpo encontrava-se no IML. Ela dirigiu-se imediatamente ao delegado, na Auditoria, para pedir autorização para a liberação do corpo. Queria evitar que desaparecessem com o corpo e lutou para que ele pudesse ser velado em casa e enterrado entre os seus. Colocou-se à frente dos irmãos e foi fazer o reconhecimento do corpo do irmão, sozinha. Como Antígona, aquela pequena mulher, oprimida pelo medo, foi tomada pela coragem do afeto e lutou pelo corpo de seu irmão; pelo direito ao enterro. Foi ela quem o vestiu, quem colocou as flores num caixão lacrado, que só permitia ver o rosto... Ela quis vê-lo enterrado com dignidade e o levou para velar diante de toda a comunidade, perplexa e emocionalmente atingida pela morte do menino João. Iracema talvez não soubesse, naquele momento, o tremendo impacto provocado por sua ação: a denúncia da tortura e da morte nos porões da ditadura, eventos ocultados e desconhecidos pela maioria.

O enterro de João reuniu vizinhos e amigos e, mesmo com a presença de policiais no velório, não houve como impedir a indignação e a luta que dali decorreu. Com a morte de João e a permanência da prisão de Roque no Carandiru, Iracema não se sentiu acuada e continuou sua batalha por algo que aprendeu na experiência e que os livros e a militância política não lhe ensinaram: a liberdade. Continuou a visitar presos políticos nos presídios e a mediar mensagens entre familiares, enquanto visitava seu outro irmão:

Quando ele estava preso, as pessoas ficavam a noite toda escrevendo bilhetes no papel higiênico para mandar para as famílias. Era camuflado. Quando o Roque tinha sido exilado, eu ia até o presídio me fazendo passar por prima do Espinosa, nosso amigo. Ia visitá-lo. Ele sofreu muito também e é até hoje um grande intelectual! Nós marcávamos pontos para mandar os recados do presídio para as famílias e vice-versa. Guardava os bilhetes dentro da blusa... Mesmo depois da morte do João, eu ia. É como aquela música, sabe? “Você me prende vivo, eu escapo morto!”. (Iracema dos Santos)

Quando Roque foi banido, Iracema foi ao Carandiru se despedir dele, tomada pelo sentimento de tristeza profunda. Em alguns momentos, afirmou ela, tornou-se histérica, gritando e chorando, mas tinha esperança que ele voltasse. O irmão foi para a Suécia, país que deu asilo aos brasileiros, e acabou concorrendo e ganhando uma bolsa para estudar na França. Dali em diante, até 1979, ambos trocaram cartas e se falavam por telefone, o que para ela foi muito difícil. O que a encorajou foi o sentimento de que era possível, ainda, empenhar-se, junto a outras mulheres, por sua volta. Ela foi uma das primeiras mulheres na cidade de Osasco (como Amira e Sandra, parente de José Ibrahin, também exilado) a colocar uma mesa em plena praça da cidade de Osasco e recolher assinaturas para exigir do governo autoritário a anistia de presos e exilados políticos:

Apesar da dor, eu tinha esperança de que ele ia se refazer, e de que aqui tudo iria mudar. Por isso, comecei a participar dos comitês pela Anistia. Fiz parte do movimento pela Anistia, e houve pessoas muito boas que me ajudaram muito! A gente era muito pobre, mas conseguíamos sobreviver e sustentar o meu pai e a minha mãe. Eles ficaram sem salário, sem nada, porque eram os filhos que sustentavam a casa: um foi banido e o outro foi morto.... Eu participava fazendo amizade com as pessoas, trocando informações. Lutamos tanto pela volta dos exilados e pelo perdão aos presos políticos! Os presidiários faziam pulseiras, colares... A gente vendia no Largo de Osasco. Colhia assinatura... Lembro da mãe do Ibrahin vendendo coisas para o filho preso. Arrecadávamos dinheiro também para viajar, se deslocar, verba para o movimento crescer. (Iracema dos Santos)

Roque foi julgado à revelia e a ele foi concedida uma autorização para que ele voltasse ao Brasil, antes da Anistia geral em 1979, durante o governo do presidente João Batista Figueiredo. Iracema foi quem mediou esse processo, correndo atrás de advogados e contando com a solidariedade de Iberê Bandeira de Mello, que conseguiu que ele voltasse. Em seu retorno, foi recebido com uma feijoada na casa de sua mãe, por amigos que também militaram pela redemocratização do país. Hoje, Iracema analisa sua atitude, de mulher que nada sabia e que se tornou fundamental na defesa da vida e da democracia. Suas palavras são o reconhecimento e o orgulho de si:

Depois de toda essa luta, ainda acho que fiz pouco. Muito pouco... Pelas condições de vida que tive, pela arrogância de algumas pessoas que desfizeram dos humildes... Mas se eu tivesse que fazer tudo de novo... Faria com esta idade? Talvez não. Mas com vinte anos, eu faria. Lógico!

Uma das pessoas mais pobres era eu. Não éramos da “nata”. Fui uma das pessoas que mais sofreu, uma das mais humildes... Perdi meu

irmão mais novo, fui presa, vi meu irmão ser exilado... Entrava pela porta dos fundos só para entregar um pacote, um bilhete, para não desmerecer a causa, ajudar. Não estava preparada para o que aconteceu com os meus irmãos. Cassar direitos e banir era uma ideia de uma extensão tão grande!... Não imaginava que seria assim. Mas fiz o que pude quando tudo aconteceu. (Iracema dos Santos)

Ana Maria: a guerrilheira que se tornou feminista

Ana Maria era estudante secundarista e operária em 1968. Amiga de seu irmão Osny, em Osasco, conheceu seus futuros companheiros de movimento estudantil, de luta operária e de guerrilha: Espinosa, o Barreto, José Ibrahim. Ela participava de grupos de teatro com eles e se envolveu na greve que a empurraria de vez para a luta armada, na Vanguarda Popular Revolucionária e na VAR-Palmares. Apesar da convivência com os homens, ela já apontava em si o sentido de sua luta voltada ao feminino e, mais tarde, ao feminismo:

Lembro que a minha vida foi marcada por certa revolta contra o destino desde o começo. Então, às vezes, me lembro dessa revolta, e o interessante é que sempre voltada para as mulheres! Recordo que com 12 ou 13 anos já brigava com um tio, com uma tia, porque não deixavam a filha sair de casa. Sempre tive um espírito meio revoltado, sabe, nunca podia ver uma injustiça sem protestar, nunca! Isso era até em casa, quando meu irmão apanhava, eu corria lá para defendê-lo. (Ana Maria)

Logo a menina operária entrou para o grupo de teatro, em que faltava uma personagem feminina. Ali conheceu Roque, que se tornou seu namorado e marido, num casamento relâmpago, promovido pelos grupos de guerrilha, numa velocidade de acontecimentos:

Naquela época, era tudo muito rápido, numa velocidade enorme... Quando vi, já estava participando do grupo, o primeiro grupo político que a gente teve! Foi tudo muito rápido: nós fizemos uma peça com duas apresentações e já fomos para outra coisa. Teatro já não servia mais. Nós começamos encenando como forma de levar a consciência e promover discussões de uma série de questões. Nossa proposta já era essa, conscientizar, não era um teatro alienado, não, não! Já havia objetivos. Tanto que já participavam dele o Roque, o Barreto, o meu irmão, eu. (...) Quando comecei a ter consciência histórica, lembro que li, não sei se “O trabalho, salário e capital” ou “Trabalho, preço e lucro”, do Marx. Sentia que havia uma resposta para minhas inquietações. A gente fazia essa leitura e um passava para o outro. Era muito pouco tempo. Não eram longas as discussões, eram ações. Não

havia tempo. Para mim era uma coisa natural que eu continuasse no movimento. E fosse o preço que fosse! (Ana Maria Gomes)

Ana participou de reuniões realizadas nas escolas, de paralisações estudantis e de discussões com as meninas: “E o interessante é que a minha tendência já era lidar com as mulheres, era trabalhar com elas”. Ela participou da organização da greve que envolveria vários operários, tendo início na fábrica Cobrasma, onde Roque trabalhava, e se estendendo por várias indústrias em prol da luta salarial e democrática. Não eram apenas reivindicações econômicas; era uma ação contra a política econômica, a ditadura, coisa muito maior do que uma greve por questões concretas. A ideia dos trabalhadores e estudantes era de que o movimento pararia Osasco, provocaria solidariedade de outros setores da população e se estenderia para uma batalha contra o autoritarismo, numa análise equivocada, segundo Ana Maria: “Hoje, olhando para trás, considero que aquele foi um embate forte com a ditadura; não podiam deixar passar aquela greve. Foi o início da grande repressão... O início da grande repressão!”.

No dia da greve, 17 de julho, toda a liderança começou a ser procurada pela polícia. Alguns foram presos, outros conseguiram fugir ou permaneceram na clandestinidade. A casa de Ana foi cercada, porque seu irmão trabalhava na Lonaflex, outra fábrica invadida pela Força Pública. Ela também foi presa:

Fui presa no sindicato, mas ainda passei como coitadinha... Incrível a visão que tinham! E a gente se aproveitava um pouco disso. Para eles, mulheres nunca eram capazes de qualquer coisa! Então, lembro que quando fui presa, na hora em que fui presa, já pensei numa linha de pensamento: “Pô, não estou fazendo nada!” e aí o cara dizia: “Como é, faz três dias que você está no sindicato!”. Eu estava lá o tempo inteiro e eles estavam vigiando! Quando chegamos no Dops, a minha linha de defesa foi sempre; “Não, a gente estava lá por acaso, fui procurar meu irmão, minha mãe está muito preocupada”. Conteí que se ele estivesse lá no sindicato, era pra avisá-lo que a fábrica dele estava em greve também. A cunhada do Neto e eu – havia também uma japonesa que a gente não conhecia, mas que foi presa também – fomos as únicas mulheres presas durante a greve de Osasco. Durante a movimentação, pelo menos. Não sei se depois houve alguma mulher que foi levada, mas fomos nós três, operárias: eu, que estudava à noite; a Benê, que não estudava, e a outra que acho que era estudante, porque ela não era nossa conhecida. Devia ser de alguma organização, algum partido, e estava lá no momento.

Nós tivemos que ouvir do delegado que éramos muito moças, assim tão “direitas”, que queríamos casar com certeza. E a gente fazendo coisas para o sindicato! Um dia acharíamos algum trabalhador honesto para casar e tal.... Era um sermão que se dá a uma moça de família e

hoje nós rimos disso! Ele dizia: “Vocês querem casar, não querem?”. E nós: “Claro que queremos”! (Ana Maria Gomes)

Depois disso, ela entrou na semi-clandestinidade e se ligou definitivamente à VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), junto com Osny e Roque. Logo se casou com Roque, por ordem do grupo revolucionário, com a finalidade de montarem os “aparelhos” (lugares onde planejavam as ações sem suspeita). A partir dali ela já não pode mais frequentar as aulas, na escola, nem frequentar os lugares que costumava frequentar. Emocionada, lembra da reação de seus pais, pessoas que tiveram importante papel em sua proteção, colaborando com a luta armada por ações promovidas por uma militância afetiva, como tratou Elizabeth Jelin (2001) ao se referir àqueles que agiram politicamente na defesa de seus entes queridos (militância pela paixão).

Ana Maria recorda-se de um episódio, quando seu pai, ao se aproximar do “aparelho” onde estavam ela, José Ibrahim e Roque, percebeu que eles estavam sendo vigiados e agiu rapidamente para salvá-los. Também se emociona ao falar dos cuidados de sua mãe com os guerrilheiros:

Já tinha batido uma pessoa perguntando, dizendo que era amigo, se meu irmão estava lá, ou se o Roque tinha aparecido. Então, podemos dizer que essa foi a primeira ação do meu pai. De proteger a gente, de ajudar... “Vocês dois, saiam daqui!”... Era uma confiança muito grande no Roque, que era meu namorado, afinal de contas. Era uma confiança muito grande!

Em relação à minha mãe, quando o sindicato foi cercado, eu pensei: “Minha nossa, agora vou presa, minha mãe vai fazer um escândalo! Quando cheguei em casa à noite, ela começou : “Que bom que tudo deu certo!”. E eu falei; “E aí, como é que a senhora soube?”. Ela disse: “Quando vi que o sindicato estava cercado, cheguei no bar da frente, pedi pão e perguntei: ‘A polícia está aí?’. Ele fez com a cabeça que sim. ‘O que aconteceu?’. ‘Foi todo mundo levado!’”. E ela disse que saiu pensando assim: “Ai, minha filha, coragem, coragem, coragem!...”. Era uma adesão da parte dela também à causa. E após isso, eles se envolveram e apoiaram a gente em tudo, inclusive atingindo um nível de militância também... Os dois...os dois... (Ana Maria Gomes)

A mãe de Ana, como tantas outras mulheres - e como Iracema – atuou levada pela necessidade de proteger aqueles meninos atingidos pela violência. Em sua casa recebia José Campos Barreto, o guerrilheiro morto com Carlos Lamarca, em 1971. Naquele momento, o garoto que gostava de andar com seu violão e que chegava em sua cozinha com fome. Foi a ela que ele pediu, num último encontro, que guardasse seu

violão: “Guarde pra mim que depois eu venho buscar”. O violão, que foi guardado por trinta anos sem que ele nunca pudesse ter voltado para buscá-lo, foi entregue pela mãe de Ana à sua família num evento em que os sobreviventes puderam homenageá-la por seus cuidados e por sua coragem. Era um momento delicado, quando sua mãe estava muito doente, e a homenagem a fortaleceu:

Então, a minha mãe mostrou o violão do Barreto, que ela estava guardando... A Ieda, nossa amiga, propôs uma homenagem pelo fato de que ali nenhuma mãe tinha sido homenageada, nenhuma dessas mulheres que estiveram na retaguarda... Foi muito emocionante... Ela, então, entregou o violão pro Olderico, o irmão do Barreto. Naquela hora ela decidiu que era ele mesmo quem deveria guardar o violão. Ele a irmã, Ana... E foi muito interessante... Você imagina, ela era uma mulher do campo, depois operária. De repente, uma homenagem daquela! Ela se sentiu muito valorizada, muito orgulhosa de terem lembrado dela. Inclusive eu virei e falei pro meu irmão: “A mamãe já pode morrer...”. Era o coroamento, quer dizer, ela já poderia morrer em paz, feliz, tranquila. Se ela tinha alguma dúvida do carinho que as pessoas tinham por ela, ali estava a comprovação! (Ana Maria Gomes)

A proteção de seus pais, no entanto, não conseguiu impedir que, em 1969, Ana, Roque e Ibrahin fossem presos, após a invasão do “aparelho” onde se encontravam. Embora ela fosse levada pelos agentes, eles se recusavam a acreditar que ela, uma mulher, estivesse envolvida por vontade própria na luta armada:

Me interrogaram, se convenceram que eu não tinha nada a ver com o assunto. Mais tarde, ficavam vigiando a casa muito tempo, mas consegui escapar. Escapei todas as vezes por ser mulher e a repressão considerava que as mulheres não eram capazes de estar por decisão da própria cabeça. E eu era casada com um, era irmã do outro. Quer dizer, sabe, “coitadinha”!...

Era fácil acreditar que eu era peixe deles, que não tinha uma militância. Tanto que as companheiras eram presas e que não tinham ninguém, nossa, elas apanhavam muito mais! Eles diziam: “Nossa, como ela pode ter entrado sozinha?!”. Prenderam pais, irmãos, maridos, mas elas foram torturadíssimas também! Quanto a mim, diziam: “Ela foi levada por um homem”. Aquelas que não tinham ninguém... Como é que elas ousavam pensar sozinhas?... Pensar sozinhas?! (Ana Maria Gomes)

Ana Maria soube usar do imaginário masculino sobre as mulheres (de fragilidade, ignorância e fraqueza) para enganá-los e fazer crer que ela nada tinha a ver com a guerrilha. Durante algum tempo esta figura de “coitadinha” a ajudou a escapar das torturas. Ela entrou para a clandestinidade e seu codinome começou a constar várias

vezes na lista de opositores procurados pelo regime. Ela ficou um ano na clandestinidade, quando a VPR se uniu à Colina formando a Var-Palmares, mesmo grupo de seu cunhado João Domingues. Logo depois esses grupos se dividiram novamente, mantendo a VPR e Var-Palmares como lutas separadas, com ações muito rápidas. Como afirmou a entrevistada, o guerrilheiro urbano tinha uma vida curtíssima, em torno de seis meses, pois viviam constantemente sob perigo, levando armas de um lugar para outro, enfrentando o “aparelho estourado” pela repressão, a violência permitida pelo AI-5 e as próprias divisões que iam acontecendo e enfraquecendo a luta armada.

As notícias de que um aparelho “tinha caído” eram contínuas e mexiam emocionalmente com as pessoas envolvidas, mesmo com parentes que ajudavam a esconder armas e acolher pessoas em casa. As relações afetivas eram rápidas e dolorosas, pois eram ameaçadas pela possibilidade de alguém “desaparecer” ou morrer. O impacto da repressão recaía sobre familiares, assim como aconteceu com Iracema, a irmã do companheiro de Ana, Roque, e com a sua própria irmã:

A gente nunca comenta, é muito difícil, mas nas vezes que eu tentei, comentei, para a minha irmã foi muito complicado, porque ela também foi presa uma vez, quando eu já estava no exterior e até hoje não sei o que aconteceu com ela. Não tenho coragem de perguntar e ela nunca quis contar para ninguém. Minha mãe era correio entre o exterior e as organizações, os militantes que sobraram. Meu pai, eu sei que voltou com marcas... marcas de cigarro. O único dado que nós temos é que minha irmã ficou presa aqui em São Paulo um bom tempo. Entrou com o pedido de indenização em relação ao governo. Não sei qual foi o argumento, porque ela também não deu pra nenhum de nós ler. Ela fez o documento, foi aceito e deferido o pedido dela. O fato dela fazer já foi importante. Ela tem uma história, teve uma participação na greve. Meus irmãos iam chamar o pessoal no sindicato, que era perto de casa. Eles iam: “Olha, o almoço está pronto, vão almoçar”. Ela estava em período de formação... (Ana Maria Gomes)

O envolvimento de Ana foi mais intenso, mas ela não chegou a participar diretamente de nenhuma ação militar. Ao lembrar hoje dos eventos que marcaram a luta armada, ela aponta para a ilusão que tinham de lutar por meio do foco guerrilheiro, mas afirma que olhando da perspectiva atual é capaz de perceber que não havia condições para isso, uma vez que a repressão era intensa e a polícia levava as armas, o dinheiro e as pessoas. Envolvida com o planejamento de ações, ela mudava de aparelho, andava

com uma mala na mão, pra um lado e pro outro, durante todo o ano de 1969. No início de 1970 ela foi presa como militante da VAR-Palmares e foi levada para a Operação Bandeirantes e para o DOPS. Ali, diante do perigo e da prática da tortura, ela teve que agir rapidamente para escapar do destino a que muitos de seus companheiros haviam sido submetidos.

Os agentes da repressão lhe mostravam fotografias de seu cunhado João Domingues, irmão de Iracema, morto após sua prisão. Ana Maria jamais esqueceu aquelas imagens e a tortura física e psicológica que sofreu. No entanto, ela procurou resistir, utilizando o imaginário atribuído à mulher pelos próprios agressores:

O delegado Fleury perguntou: “Quem é fulano de tal?”. Era o menino que tinha resistido à bala. Olhou... ”Quem é Ana Maria Gomes da Silva?”. E disse: “Ah! Você está aqui, né?”. E começou a enumerar: “Você é mulher do Roque, cunhada do João Domingues, irmã do Osny. Agora você também está aqui!”. E eu pensava: “Agora tô ferrada!”. (...) Quando foi no dia seguinte, chegando a noite, me levaram para o interrogatório. (...) Eu pensei: “Ai, é agora!”. Quem fez questão de me interrogar foi o mesmo investigador que tinha me interrogado na minha casa quando o Roque foi preso; o que foi pra mim uma sorte muito grande porque ele não admitia que eu o tivesse enganado. Começou com essas palavras: “Quando eu vi seu nome aqui, pensei: ‘Será que aquela menina me enganou?’”. Então ele estava psiquicamente preparado para aceitar qualquer coisa que eu contasse, porque onde já se viu uma menina daquela enganar um policial experiente?! E aí contei aquela historinha de novo. Eu tinha excelente memória. Minha história não mudava uma vírgula. E aí todo mundo foi confirmando minha história. Todos os depoimentos foram confirmando minha história. A tortura que ele usou contra mim foi contar todo o processo de agonia do meu cunhado, do João... Ele foi contando... o processo todinho... foi mostrando todas as fotografias...

O investigador me disse: “Bom, nós queremos saber onde seu irmão está. Se você sabe, você diga, senão nós vamos matá-lo como nós matamos seu cunhado!”. Diziam que tinham prendido o João ferido e que o mataram ainda ferido. Eu já sabia da história dele, mas não com todas as letras. Até aquele momento sabíamos que ele havia sido preso muito ferido. E que tinha morrido. Mas, depois, com os dados da Iracema, irmã dele, com isso que eles me disseram, com a informação de outros companheiros, foi que soubemos que havia sido torturado e que o haviam deixado morrer... pra tirar alguma coisa... Sabiam que estava envolvido. Estavam com muito ódio.

Esse foi o tipo de tortura que ele usou contra mim... Mas estava plenamente disposto, no machismo dele, a ser enganado. E foi! Aceitou a minha história. (Ana Maria Gomes)

Ela esteve presa durante nove meses no presídio Tiradentes, em angústia constante por temer ser descoberta como militante da luta armada e pelas notícias que chegavam sobre quem havia sido preso e morrido. Seu companheiro Roque estava preso no mesmo lugar e eles conseguiam permissão para se verem uma vez por semana. Mais tarde, acabou sendo solta e vigiada pelos agentes da ditadura, mas sem ter recursos para deles escapar. Recebeu ordens de seu grupo para sair do país, sozinha, situação que lembra com certo ressentimento em relação ao tratamento dado às mulheres:

Mas como militante política eu sofri não apenas nas mãos dos torturadores... Como uma pessoa como eu, mulher, de família pobre, que trabalhava numa fábrica, poderia ter sofrido? Sofri dois tipos de dominação ou de poder: a do homem e a de classe também. Agora, eu estava ideologicamente, politicamente, com o grupo. Meus companheiros disseram: “Você vai sair do Brasil “. E eu saí do Brasil. Eles me pediram para fazer um contato com o pessoal que já estava no Chile, para ver se dava para fazer uma série de discussões, se existiam pontos de aprofundamento possíveis. Eu ia com uma tarefa. (Ana Maria Gomes)

Para sair do país contou com alguma ajuda mais esparsa. Uma delas veio de Iracema, que dirigiu-se à catedral da Sé, no centro de São Paulo e fingiu rezar. Alguém sentou ao lado dela, colocou um pacote de dinheiro, silenciosamente, e foi embora... Com este ato de coragem da cozinheira Iracema, a guerrilheira Ana Maria conseguiu sair do país...

E aí, eu, com 21 para 22 anos de idade, saí... Eu nunca tinha saído de São Paulo, pra você ter uma ideia! Eu nunca tinha saído de São Paulo! Eu fui bater no Chile. E essa é outra história... Ninguém me levou. Eu fui sozinha! O que eu recebi foi dinheiro para custear a minha passagem. E na prisão, os companheiros me deram o endereço de uma pessoa em Santiago, que era aquela com quem eles queriam que eu fizesse contato. A companheira da ALN que me ajudou, me disse assim: “Olha, Ana, você vista o papel que está representando, assumo o papel!

Agora, você imagina uma menina de origem operária... Naquela época, o pessoal, ou pelo menos a gente, não tinha esquemas de passagem, sabe? E não tinha muito contato com o Chile. Nós tínhamos que ir pro Chile, mas não tinha a menor idéia de que como fazíamos pra ir para lá, como se chegava. Eu fui uma das primeiras. Eles só me disseram... Foi a Nair Benedito que me disse: “Olha, vá por Bariloche, porque é um lugar em que transita muito turista. E, provavelmente, você vai passar despercebida. E aí... eu fui!
(Ana Maria Gomes)

Ela foi até Foz de Iguaçu, atravessou para Misiones, Possadas. De Possadas, foi para Buenos Aires; dali para Bariloche. Em Bariloche, atravessou o lago para Puerto Mont e, em Puerto Mont foi para Córdoba. Absolutamente sozinha, sem nenhum esquema de ajuda oferecido a outros guerrilheiros, sem conhecer o espanhol (a não ser o dos filmes que assistia), com o cabelo pintado e os óculos escuros, ela foi atravessando o que para ela era o desconhecido. Conseguiu chegar ao Chile, onde recebeu ajuda de membros ligados à Política Operária (POLOP), outro grupo de guerrilha brasileiro que mantinha relações com a Universidade do Chile. Ali permaneceu sem conseguir manter contatos, fazer reuniões, até a chegada de Roque, trocado pelo embaixador suíço, sequestrado no Brasil por grupos de guerrilha:

Desci, os dois já foram falando: “Vamos pegar suas coisas, já temos uma casa pra você ficar, vai ficar na casa da Lúcia. A Lúcia era uma companheira que o marido estava preso também. Então, me entreguei lá em pouquíssimo tempo! Cheguei lá em outubro; em janeiro o Roque chegou. Ele saiu no sequestro do embaixador suíço e chegou todo o grupo que foi trocado. Nesse meio tempo, ainda não havia conseguido fazer discussão com ninguém... Mulher? O que é que mulher, sabe?! Sabe...Mulher!... (Ana Maria Gomes)

Depois do golpe sofrido por Salvador Allende, no Chile, Ana e Roque entraram na embaixada da Argentina, com carabineiros atirando, e foram parar na Argentina, de onde receberam asilo para a Suécia. Ali e, mais tarde, na França, Ana conseguiu digerir os acontecimentos e reforçar as críticas que já fazia não apenas à ditadura brasileira, mas à postura das próprias organizações guerrilheiras em relação às mulheres:

Eu não preciso te dizer que o meu papel era sempre o de todas nós, mulheres, com exceção de uma ou outra, que tinham características que mereciam respeito... A gente era sempre menosprezada, embora houvesse um grupo muito grande de mulheres, muito grande... Eu não sei se fico feliz em dizer isso, minha timidez em defender minhas posições porque você sabe que as mulheres, com essa opressão toda, têm mais dificuldade de falar, tem mais dificuldade... Mas a gente discutia muito: eu, meu irmão e o Roque. Eu fazia toda uma discussão com o Roque, e ele colocava as posições. E eu sempre era considerada o apêndice dele, sem ideias próprias, como mulher! Mas, na verdade, muitas das ideias que ele defendia, a reflexão era minha. A reflexão era minha, só que quem colocava era ele. E, eventualmente, meu irmão.

É, pra você ver como as mulheres eram, muitas vezes, humilhadas. Ninguém tinha... Sabe como é? Diziam mesmo que a companheira era dependente do companheiro. Sabe, umas coisas assim... (Ana Maria Gomes)

Entre 1974 e 1975, na França, ela se desligou de Roque (de quem permaneceu amiga) e da organização armada, inserindo-se no movimento de mulheres brasileiras em Estocolmo: “Era um grupo que sofria todo tipo de gozação, tudo o que você pode imaginar. Menos de um ano depois do grupo ser formado, nós estávamos sendo convidadas para compor a direção do Comitê Brasileiro de Anistia, tal o respeito que a gente já tinha conseguido!”. Em Paris, ela se vinculou ao coletivo de mulheres brasileiras, do qual participavam mulheres exiladas, mas também não exiladas. Na Europa conheceu o feminismo e passou a se dedicar aos estudos, à graduação, ao mestrado e ao doutorado. Em 1979, com a Anistia, voltou para o Brasil, mas com crises de depressão resolveu retornar a Paris onde conheceu seu atual companheiro, Edson.

Hoje, como professora na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil, ela analisa sua participação e os frutos de sua militância. Formou o Núcleo de Estudos de Gênero na Universidade Federal, que não é uma entidade da universidade, mas do movimento social. Vinculou-se à Articulação das Mulheres Brasileiras e também participou da Articulação das Mulheres do Mato Grosso do Sul. Mesmo diagnosticada com síndrome de stress pós traumático, como quem esteve em guerra, ela não parou de lutar por uma sociedade mais justa e digna, agora ligada às mulheres, trabalho do qual se orgulha muito:

Nesse balanço que eu fiz, praticamente formei todas as feministas que existem em Mato Grosso do Sul. Existem feministas lá trabalhando e influenciando em muitos lugares, muitos lugares... Tenho orgulho quando falo das minhas meninas, das conquistas delas. Não falta trabalho para elas, e todas trabalham voltadas para a mulher, todas espalhadas.

Acho que fiz... Apesar de toda uma reflexão crítica... Fiz o que era historicamente mais avançado na época. Se a gente não tivesse feito tudo o que a gente fez, se eu não tivesse tido a experiência que tive, não pensaria, não veria o mundo como vejo hoje. Não teria, porque ainda continuo acreditando que é possível construir uma sociedade mais justa, mais harmônica, onde as diferenças sejam respeitadas. Acredito nisso, e acredito que para isso ainda são importantes os movimentos sociais. Eles é que são os atores dessas mudanças. Por isso que a minha opção foi pelos movimentos sociais. (Ana Maria Gomes)

Considerações finais

Se, como afirmou Michelle Perrot (2005), historicamente muitas vezes as mulheres ficaram restritas ao espaço doméstico e foram narradas no processo histórico como “coroadoras” do heroísmo masculino, invisíveis como sujeitos, as memórias de mulheres como Iracema e Ana Maria demonstram que os efeitos da repressão, o abandono, a prisão e ameaça à sua família rapidamente as colocaram em prontidão e ação. Elas se encorajaram, tomadas por sentimentos de afeto e sobrevivência, por ideologias políticas ou pela consciência solidária, e tomaram a frente de muitas ações que precisam ser narradas por elas para que sejam reconhecidas.

Mais do que preencher espaços vazios nas histórias masculinas, mulheres como Ana Maria e Iracema revelaram como sentimentos de medo e afeto as impulsionaram para os espaços dos sindicatos, da luta armada, das delegacias, das prisões e da família, munidas das armas (físicas e emocionais) de que dispunham e enfrentaram não apenas a violência dos ditadores, mas a ignorância dos homens que ao construírem a imagem feminina como frágil e apolítica, foram enganados e superados por ela. Da suposta fragilidade feminina nascia o imprevisível e a força que tornaria essas mulheres protagonistas da história.

Referências bibliográficas

COLLING, Ana Maria. *A Resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos 1997.

COSTA, Albertina de Oliveira. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FERREIRA, Elizabeth Xavier. *Mulheres, militância e memória*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid/Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.

JOFFILY, Olívia Rangel. *Esperança equilibrista: Resistência feminina à ditadura militar no Brasil*. Tese de Doutorado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, feminismos e ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2011.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2 (3), 1989, p .3-15.

TEDESCHI, Losandro. Os lugares da História Oral e da Memória nos Estudos de Gênero. *OP SIS*, Catalão, v. 15, n. 2, 2015, p. 330-343.